

Uma prece para o Padroeiro

Bruno Thys*

Publicado originalmente na seção de opinião do Jornal O Globo no dia 21 de janeiro de 2010

Há neste momento na TV um anúncio sobre o lançamento de um carro, na linha do “quem poderia imaginar”, que lista um sequência de vitórias pátrias, da inflação às Olimpíadas de 2016, no Rio. De fato, difícil mesmo imaginar que a inflação um dia seria coisa do passado e as Olimpíadas, do futuro. Mas há hoje em curso no Rio algo que seria impossível imaginar seja no passado, no presente ou no futuro: favelas livres de traficantes ou de milícias.

No início desta semana, me incluí numa visita ao Dona Marta, programada por quatro colegas de áreas diferentes da empresa, que estão desenvolvendo um pequeno mas importante projeto em várias comunidades.

Fui movido pela curiosidade, depois de me certificar que não seria uma visita guiada. Carioca por devoção, jamais imaginei que um dia conheceria esta área da minha cidade.

Chegamos lá por volta das 11h, sob um sol escaldante, mas sem qualquer tensão. Nos misturamos aos moradores em meio às suas rotinas.

Eles nos sorriam e puxavam conversa naturalmente, sem perguntar quem éramos e o que fazíamos ali.

Pareciam felizes por poderem mostrar o lugar, responder a nossas perguntas, indicar caminhos e pontos que gostaríamos de visitar. Seguimos só nós cinco, parando aqui e ali para recuperar o fôlego, já que o plano inclinado — o elevador que leva ao alto do morro — estava com trechos em manutenção. Difícil imaginar, mas não havia restrição alguma ao direito de ir e vir, toque de recolher, nem a chamada lei do silêncio imposta aos moradores dessas comunidades.

Aliás, pela forma como foram removidos de lá, difícil imaginar que os traficantes tivessem o poder que lhes era atribuído. Sempre fui da tese de que esses lugares são comandados pelo crime desorganizado, mantido por uma cadeia perversa, em que policiais são parte do negócio; em que o Estado e — mea culpa — a própria mídia superestimam a força dos bandidos.

Expressões como “soldados do tráfico”, “gerentes de boca”, paiol etc. etc. eram forjadas pela polícia, compradas e revendidas pela mídia, como se, de fato, a população estivesse diante de um poder paralelo centrado numa poderosíssima estrutura militar. Não que esses criminosos não sejam perigosos e violentos.

Recentemente derrubaram um helicóptero, já metralharam prédios do governo, queimaram centenas de ônibus, deixaram um saldo de mortes de proporções haitianas e, sobretudo, infernizam a vida das comunidades onde se encastelam e aterrorizam a vizinhança. No entanto, bastou determinação política para provar que nem esses espaços são inexpugnáveis, nem os bandidos, invencíveis.

E lá prosseguimos, surpreendentemente sem encontrar um único cartaz de político ao longo do percurso até o alto do morro, de onde se tem uma das mais belas vistas da cidade, com a orla da Zona Sul de um lado e a enseada de Botafogo, de outro. Ali, fomos recebidos pela capitã Priscila, a comandante

da Unidade de Polícia Pacificadora, uma jovem serena e firme, que nos ofereceu água, falou das carências do lugar, das necessidades dos moradores e sugeriu que continuássemos nossa visita sem qualquer escolta. De fato, há um mar de carências e o estado deve ser rápido em dotar o lugar de infraestrutura, sem assistencialismo, para atender às necessidades de sete mil pessoas, que vivem em cerca de mil casas. O momento também reserva aos cariocas, especialmente aos da vizinhança, uma grande oportunidade para exercerem seu esporte preferido: a solidariedade. Livros, computadores, móveis, materiais de construção e, sobretudo, emprego serão bem recebidos, segundo Zé Mario, o sorridente presidente da Associação de Moradores do Santa Marta.

No fim da visita, já na São Clemente, me lembrei de “Saudades da Guanabara”, um belo samba, na verdade uma prece ao Padroeiro, de autoria dos mestres em alma carioca Aldir Blanc, Moacyr Luz e Paulo Cesar Pinheiro, cujo refrão diz assim: “Brasil, tira as flechas do peito do meu padroeiro, que São Sebastião do Rio de Janeiro ainda pode se salvar.” Difícil imaginar. Mas uma dessas flechas começa a ser retirada do peito do Padroeiro. ”

* Bruno Thys, jornalista.